

RAFAEL BORDALO PINHEIRO E O MOBILIÁRIO DOMÉSTICO

RAFAEL BORDALO AND THE DOMESTIC FURNITURE

Pedro Bebiano Braga*
Museu Bordalo Pinheiro – EGEAC

Resumo

Rafael Bordalo Pinheiro, notável desenhador humorista e ceramista, também se dedicou à decoração e ao mobiliário, nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Executou móveis em cerâmica, evidenciando-se as mísulas, a luminária e os bancos naturalistas. A moda do retrato fotográfico, nos interiores, levou-o a modelar pequenas molduras. Inusitadamente foram empregues azulejos padrão no mobiliário em madeira, em parceria com o entalhador Leandro Braga e o marceneiro Frederico Ribeiro. Embora influenciado pelo movimento britânico *Arts and Crafts*, Bordalo utilizou todos os revivalismos historicistas – incluindo o nacional neo-manuelino – e não esqueceu o exotismo oriental. Ainda experimentou a Arte Nova, sobretudo no azulejo. Exemplos paradigmáticos dos “interiores de arte” são o seu quarto no *Chalet* de Cortiça e a sala de jantar do *Beau Séjour*

Palavras-Chave: Rafael Bordalo Pinheiro, mobiliário, cerâmica, azulejos, decoração.

Abstract

Rafael Bordalo Pinheiro, a remarkable humorist designer and ceramist, also dedicated himself to decoration and furniture in the last decades of the nineteenth century and the beginning of the twenty century. He made ceramic furniture highlighting corbels, the luminaire and naturalistic seats. Fashion of photographic portrait in the interiors lead him to model little frames. Unusually pattern tiles were used in the wood furniture in partnership with the woodcarver Leandro Braga and the cabinet maker Frederico Ribeiro. Although influenced by the British Arts and Crafts Movement, Bordalo used all the revivals, including the national manuelino revival, without forgotten the oriental exoticism. He also tried the *Art Nouveau*, mainly in tiles. Bordalo's room at the *chalet* de Cortiça (cork) and the *Beau Sejour's* dining room are paradigmatic examples of “artistic interiors”.

Keywords: Rafael Bordalo Pinheiro, mobiliário, ceramics, tiles, decoration

*E-mail: pedro.braga@cm-lisboa.pt

Rafael Bordalo Pinheiro foi um artista incontornável da arte portuguesa, sobretudo das artes decorativas, do último quartel de Oitocentos até ao início de Novecentos. Ficou reconhecido pelo seu notável desenho humorístico, publicado em milhares de páginas nos vários jornais que fundou. Foi ainda um reputado ceramista e escultor em barro, na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. Importante e menos conhecida faceta do seu trabalho, foi a de decorador e criador de móveis.

Na verdade, desde novo dedicou-se a trabalhos decorativos fixos e efémeros, fazendo bom uso do seu treino no desenho e de uma criatividade transbordante. A colaboração artística na Fábrica de Faianças abriu-lhe novos caminhos, tirando partido das peças cerâmicas para a decoração e levando-o a conceber mobiliário original. A plasticidade do barro e o colorido do vidrado serviram-lhe para criar pequenos móveis muito decorativos que, apesar de serem produzidos industrialmente, não perderam o seu carácter singular.

Desenhou mobiliário para interiores comerciais, para exposições nacionais e internacionais e também para interiores domésticos. Este último é o objecto de estudo das presentes linhas. Que móveis o artista propôs para os espaços domésticos contemporâneos? Qual o seu gosto? Como eram realizados? Quais os conjuntos decorativos mais significativos? Qual a sua influência no interior português à moda?

Personalidade marcante no seu tempo, Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), nasceu e viveu grande parte da sua vida na capital portuguesa, ou melhor, a partir de meados dos anos 80, entre Lisboa e as Caldas da Rainha. Ainda trabalhou episodicamente em outras cidades e vilas portuguesas, deixando obra espalhada. Viajou pela Europa – Espanha, França, Bélgica, Inglaterra – e teve uma aventura brasileira, à semelhança de muitos outros seus compatriotas, estabelecendo-se durante alguns anos no Rio de Janeiro (1875-79). Assim, o seu gosto foi-se enformando com as novidades estéticas recebidas e experimentadas em diversos países, sem deixar de procurar um acento nacionalista, como estava em voga. Desta forma, os seus trabalhos decorativos no interior doméstico e, em especial, os seus móveis, reflectem o gosto de uma pequena camada social urbana e culta que importa registar.

O panorama do mobiliário português, nas últimas duas décadas oitocentistas, regeu-se por padrões estéticos cingidos ao revivalismo historicista de várias épocas e, muitas vezes, de carácter eclético, seguindo o gosto ocidental. Ainda foi percorrido por uma tendência pelo exotismo, sobretudo mourisco e chinês, até à novidade do japonês, tendo sido tardio o aparecimento da Arte Nova. A produção de mobiliário começava a dar sinais de industrialização e, em simultâneo, apresentava móveis em outros materiais menos convencionais, como o mármore ou o ferro, que teve um enorme êxito. A oferta era maior e mais económica, utilizando o catálogo ilustrado para se estender a uma camada social mais vasta. Permitia o rápido mobilamento de um interior doméstico e a menor custo.

Mas continuava-se a privilegiar o móvel de artista, executado por marceneiro ou entalhador, para os interiores das elites urbanas e da província. No agenciamento destes espaços era indispensável o papel do armador de casas, encarregado da escolha da mobília; cores e papeis para as paredes; tapetes, alcatifas e esteiras para o pavimento e, sobretudo, a armação dos tecidos nos vãos e a forrar móveis. Estes decoradores tinham, ainda, lustres, espelhos, pedras mármore e variadíssimos ornatos que completavam um interior oitocentista. Existiam dezenas de casas de armadores e estofadores, só na capital.¹

Contrariando esta tendência generalizada, começam a surgir os “interiores de arte” que apelam à intervenção directa dos donos da casa na escolha e arranjo do espaço de habitação, reflectindo o seu gosto e interesses, em última instância afirmando o seu estatuto social. Os manuais de civilidade apontam as regras em moda e cultivam este novo gosto emergente no final do século XIX. Será que os móveis de Rafael Bordalo se enquadram nesta tendência?

Na tentativa de entender o interior português contemporâneo, temo-nos dedicado ao estudo do mobiliário doméstico, da segunda metade oitocentista aos primeiros anos novecentistas. Entre os vários artistas estudados, apontamos o notável entalhador Leandro Braga, o marceneiro Frederico Ribeiro e o versátil Rafael Bordalo Pinheiro.

Este artista é um elemento importante da sua geração e fez parte (assim como Leandro Braga) do conhecido *Grupo do Leão* (1880/81-1888), constituído maioritariamente por artistas, em torno do pintor Silva Porto, formado na ideia do “naturalismo”, em Paris. Também Rafael Bordalo seguirá este ideal. Sem deixar de ter sinais de uma atitude romântica, com mais visibilidade na sua obra gráfica, mas também presente na obra cerâmica. Vários membros deste *Grupo* irão colaborar juntos, por encomenda, em trabalhos decorativos e mobiliário de interior, como veremos.

Rafael Bordalo tem merecido a nossa atenção neste campo específico da sua obra: o mobiliário. O seu contributo para os móveis e decoração oitocentistas tem sido abordado em pequenos trabalhos publicados ou apresentados, e numa exposição temporária monográfica.² Assim, com o presente estudo damos continuidade ao tema e pretendemos fazer o estado da questão.

O mobiliário doméstico de Rafael Bordalo encontra-se disperso em diversas colecções privadas e públicas, salientando-se a do Museu Bordalo Pinheiro, que conserva grande parte do seu espólio documental (manuscritos, fotografias, etc.), assim como o maior conjunto de obra gráfica e cerâmica. Existem peças que permanecem no sítio para onde foram criadas, como no *Beau Séjour*, e há espaços decorativos que já desapareceram, como o *Chalet* de Cortiça. Completou-se a informação com documentos conservados em colecções particulares. Procurou-se, ainda, o enquadramento destes móveis no panorama europeu contemporâneo através de bibliografia e de colecções em museus.

A obra gráfica de Rafael Bordalo espelha a atenção que o artista dedicou à decoração interior e ao mobiliário.³ Desenhos humorísticos em páginas inteiras dos seus jornais, ilustrações para capas e até anúncios, como ao armador Bruno da Silva,⁴ registam o gosto vigente no mobiliário e na decoração.

Em 1883 a Empresa Bordallo Pinheiro anunciava a sua sede na R:

“Nova do Carmo 90, em Lisboa, e se encarregava de mandar executar quaesquer trabalhos artísticos, taes como: Litographias; Chromo-litographias; Aguarellas; Desenhos de mobília; Planos de construções; Desenhos graphics; Pintura em faiança; Dita a óleo; Dita decorativa; Dita a fresco; Sob a direção artística de Bordallo Pinheiro, informava ainda que: Os srs. assignantes das publicações da Empreza terão redução nos preços. Aceitam-se encommendas e dão-se esclarecimentos no escriptorio da Empreza”.⁵

É a primeira notícia do empenho do artista na criação de móveis.

No mesmo ano são publicados os estatutos da futura Fábrica de Faianças nas Caldas da Rainha, projectando-se, numa enorme lista de peças, vir a produzir “objectos de luxo e ornamentação com pinturas originaes, taes como molduras para quadros e espelhos, grandes jarras, mobílias completas, etc. (...) Vários objectos de grossa faiança, taes como pianhas, mísulas, columnas, vasos, tamborettes e figuras para ornamentação de escadas e jardins”.⁶ Fundada em 84, a Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha só no ano seguinte começa a produzir cerâmica artística. Entre muitos objectos decorativos, surgem alguns móveis pequenos e médios, como mísulas, bancos, luminárias, molduras, caixas, etc.

São particularmente interessantes as mísulas, pelo seu inesperado decorativismo e pela dimensão atingida em alguns dos modelos. Acusam o gosto revivalista pelo mobiliário de Setecentos, sobretudo de pequenas dimensões, e de dependurar, emergente nos interiores nas últimas décadas do século XIX. Trata-se de móveis de pousar, para suspensão na parede, produzidos nos mais variados estilos. Entre as diversas peças naturalistas, temos uma mísula com ramos de castanheiros (Fig.1.) que brotam do interior da peça como é característico nas suas obras do género; uma mísula com lagosta sobre folhas de alface; uma divertida misula com cinco bacalhaus secos atados por uma corda e a extraordinária mísula peru (Fig.2.), apresentando a ave de corpo inteiro a suportar uma folha de couve que faz de mesa. Qualquer um destes temas remete-nos para o mundo rural e marítimo português, muito presentes no programa cerâmico do artista, na sua tentativa de captar a identidade nacional. Mas o excelente resultado plástico e técnico conferem-lhe um valor estético que ultrapassa a sua raiz etnográfica. A temática decorativa de alguns destes pequenos móveis pode querer indicar que se destinavam a espaços de refeição, como a sala de jantar, em concordância (ou não) com os grandes pratos de naturezas mortas e vivas, realizados também pelo artista, na fábrica.⁷

Outras mísulas apresentam estilos revivalistas-historicistas, na sua maioria ecléticos, como aquela com dragão ou outra com busto de Éolo, ambas de sabor renascentista; a mísula com palmas, festão florido e concha, procurando uma gramática setecentista; a grande mísula com cabeça de veado, de decoração inspirada nos azulejos padrão hispano-mourisco; e, a maior de todas, a mísula “subordinada aos ditames da arte manuelina”, como o próprio Bordalo refere⁸, que reproduz a arquitectura do período, também presente em algumas peças de

ourivesaria coevas. A esta mísula podia-se acrescentar um espaldar e um baldaquino no mesmo estilo, dando-lhe uma dimensão monumental. O conjunto foi destinado pelo artista, sempre, para uma peça de escultura.⁹



Fig.1. Rafael Bordalo Pinheiro, Mísula Castanheiros, 1900, Museu Bordalo Pinheiro-EGEAC.



Fig.2. Rafael Bordalo Pinheiro, Mísula Peru, 1899, Museu Bordalo Pinheiro-EGEAC.

Excepto está última, onde o vidrado procura simular a pedra, todas (quase) partem de uma forma que reproduz uma mísula em madeira, com vidrado a castanho a reforçar a referência primordial. Na sua maioria datam dos anos 90 de Oitocentos, continuando a ser fabricadas durante as primeiras décadas do novo século.

Outra tipologia de móveis são os bancos na forma de grupo de cogumelos (Fig.3.) ou reproduzindo naturalisticamente um cepo com um lagarto. Trata-se de móveis de assento, proporcionando o repouso. Destinavam-se a espaços ajardinados, jardim de Inverno ou estufa, com os quais estavam em concordância temática, sem deixar de marcar, quer pela dimensão, quer pelo trompe l'oeil, uma nota de humor do artista.

Rafael Bordalo fez também diversos modelos de luminárias em cerâmica e, tal como nas mísulas, utilizou diferentes gramáticas decorativas. Criou pequenos castiçais naturalistas: imitando bambu cortado, decorado com lagartixas; composição marinha, com mexilhões e cavalos-marinhos; palmatória apresentando uma cena com juncos, rã e pato a nadar, em escala reduzida.

No gosto revivalista, em neo-renascença, executou um castiçal utilizando a forma de um grifo. Mas de maior envergadura e minúcia de trabalho, modelou um candelabro de cinco lumes neo-renascença (Fig.4.), subordinado à gramática marinha e assente em golfinhos, com cena de namoro, putti, animais e figuras mitológicas. Dando continuidade à mesma minúcia decorativa, um castiçal neo-manuelino (Fig.5.), que recorre à arquitectura, com micro-esculturas, ornamentado por anjos e cabeças aladas de querubins, onde se denota já sabor Arte Nova, conferindo carácter eclético à peça. Este modelo podia ser destinado a um pequeno espaço religioso de interior doméstico.

No mesmo gosto, foi executado em prata, entre 1899-1900, pelos reputados joalheiros da Casa Real, Reis & Filhos, do Porto¹⁰, o projecto de Rafael Bordalo para um notável par de candelabros da baixela do 3º Visconde de S. João da Pesqueira. Segue risco neo-manuelino e, na sua composição, encontramos elementos arquitectónicos quinhentistas e ornamentos retirados da ourivesaria sacra da época, como curiosos bocais em forma de cardo para as velas, mas notando-se já a influência Arte Nova nos enrolamentos decorativos da base.

Acompanhando a evolução da tecnologia da iluminação, também criou e decorou candeeiros a gás, entretanto chegados ao interior das casas. São peças singulares, como o candeeiro neo-renascença dedicado ao editor e amigo Justino Guedes ou o candeeiro para a casa Beau Séjour, sobre o qual falaremos mais tarde. É curiosa a notícia de um candeeiro semelhante, descrito pelo amigo e escritor Ramalho Ortigão (1836-1915), de visita à Fábrica em 1891: estava a ser “modelado do natural, sobre composição de Bordalo Pinheiro, os ornatos de um candeeiro em suspensão (...) sobre armação de aço, lisa, ajustam-se grupos e festões de frutos, tendo por pingentes grandes cachos de uvas, tudo de alto relevo em faiança branca”.¹¹

Podemos ainda considerar as caixas em faiança e os vasos ornamentais como móveis de conter, de diversas dimensões, dominando dois gostos: a verga de sabor etnográfico, em pequenos cestos com tampa e outros cestos encanastrados, maiores, para acolher, eventualmente, algum vaso com planta; mas também

vasos de sabor arabizante, decorados com padrões de azulejos hispano-mouriscos, um deles imitando uma celha com as suas cintas de metal. Na tradição da olaria caldense, mas de maior criatividade, as caixas redondas em musgado, decoradas com cogumelos, pinhas, peixes, etc. ou cabeças de figuras populares, como a Maria da Paciência, trazidas da sua obra gráfica. São peças mais pequenas e delicadas que agradaram, entrando nos interiores portugueses.



Fig.3. Rafael Bordalo Pinheiro, Banco Cogumelos, s/d, Museu Bordalo Pinheiro-EGEAC.



Fig.4. Rafael Bordalo Pinheiro, Candelabro neo-renascença, 1894, Museu Bordalo. Pinheiro-EGEAC.



Fig.5. Rafael Bordalo Pinheiro, Castiçal neo-manuelino, 1884, Museu Bordalo Pinheiro – EGEAC.

Mas também caixas em faiança para relógios, uma de grandes dimensões e em gosto eclético neo-renascença, para o balcão da loja do seu amigo M. Gomes, livreiro e editor, cerca 1895/96 (fora do âmbito deste estudo) e outra bem menor, em gosto semelhante, mas com laivos barrocos, sem ser vidrada, eventualmente para D. José Pessanha, desconhecendo-se data e localização.

Móveis de pequenas dimensões, também são as invulgares molduras em cerâmica para fotografias a encaixar no verso. Trata-se de móveis que dão resposta à moda crescente dos retratos fotográficos, no final do século. Uma versão comercial de moldura, datada de 1900, apresenta um pitoresco alpendre, com trepadeira, gato, lagarto e andorinha, numa cena campestre. Em 1902, fez molduras dedicadas e singulares, com micro-esculturas dos amigos e actores irmãos Rosa ou para Elvira Bordalo Pinheiro, sua mulher, como presente de aniversário de casamento, com o duplo autorretrato do artista.

Além deste mobiliário em faiança, Rafael Bordalo criou diferentes azulejos padrão nas Caldas da Rainha que tiveram inusitada aplicação em móveis de madeira saídos da ferramenta de reputados marceneiros e entalhadores.

Na verdade, já nos referidos “Estatutos da Fábrica, entre as várias peças a produzir, projectavam-se Pequenas placas de faiança mais fina coloridas para marchetar móveis, dando a estes um valor muito superior”¹² placas que viriam a ser substituídas por azulejos padrão em mobiliário muito diversificado; azulejos bordalianos em móveis, fogões de sala, lambrins e sancas em madeira, executados pelos seus amigos e colaboradores dos quais daremos alguns exemplos.

Leandro de Sousa Braga (1839-1897) foi o mais reputado entalhador e marceneiro da sua geração, chegando a experimentar a escultura. Dedicou-se sobretudo à decoração e ao mobiliário, deixando obra nos principais interiores dos palácios da Casa Real, da aristocracia titular e financeira do período¹³. Obra no gosto revivalista e historicista vigente, mas de cunho naturalista, pelo qual ficou reconhecido. Nos anos 90, colocou azulejos mouriscos à volta das bocas dos fogões de sala, em madeira entalhada, do Gabinete de Espera e da Biblioteca, no afrancesado Palácio Foz (Lisboa); azulejos revivalistas, padrão “Granada” e Arte Nova, padrão “rã e nenúfar”, respectivamente, nas bocas dos fogões da Sala de Jantar e do Salão, no goticizante Chalet Biester (Sintra). Também para este interior criou um borne estofado, móvel de assento múltiplo com aplicação do mesmo padrão Arte Nova no encosto, formando painéis. (Fig.6.) A sua grande dimensão, a forma circular e a possibilidade de acoplar uma jardineira ao centro (como é o caso), remetia esta novidade, de meados de Oitocentos, para o meio dos espaços, conferindo-lhe um papel de relevo no agenciamento decorativo.

Ainda mais próximo de Rafael Bordalo foi Frederico Augusto Ribeiro (ca. 1865-1925), bom marceneiro e reputado construtor. No seu atelier conciliava a manufactura especializada com os apetrechos da moderna indústria. A sua obra de marcenaria seguiu o revivalismo em moda, mas revelou-se também de linhas simples, (quase) despojada de ornamento, indicando o sentido da modernidade no final de Oitocentos. Deixou trabalhos nos palácios da Casa Real, incluindo mobiliário e decoração com azulejos de outro fabrico, nacional e espanhol. Colaborou com vários arquitectos, sobretudo Rosendo Carvalheira (ca. 1865-1919), e muitíssimo com Rafael Bordalo, na decoração fixa e efémera,

encarregando-se de obra nova em exposições, quermesses, lojas e interiores domésticos. Na sala de desenho do seu *atelier* - na Rua D. Estefânia, 145, em Lisboa - F. Ribeiro empregou azulejos Arte Nova, do muito citado padrão “rã e nenúfar”, entre os modilhões da sanca, a fazer friso de remate à *boiserie* que forrava todo o espaço. Desenhou e executou também um grande armário de quatro portas, em madeira e vidro, com friso de azulejos padrão “Bacalhoa” na sanca e cadeiras sem braços, todas em madeira, com os mesmos azulejos no espaldar de encosto, rematado por fiada de balaústres. (Fig.7.) Assim, na decoração e mobiliário para seu uso pessoal, pode-se reconhecer o gosto que tinha em empregar azulejo bordaliano. Nos mesmos anos 90, é atribuída a Frederico Ribeiro¹⁴ a fábrica de um conjunto de móveis para a sala de jantar da referida casa do *Beau Séjour*. Nestes móveis foram aplicadas fiadas de frisos de azulejo Arte Nova que abordaremos adiante. Para o carácter muito decorativo deste mobiliário, contribuía decididamente o vidrado colorido dos azulejos, contrastando com os tons da madeira.



Fig.6. Leandro Braga, Borne neo-gótica, ca.1895, Cortesia Palácio do Correio-Velho.



Fig.7. Frederico Ribeiro, Cadeiras, s/d, Cortesia Palácio da Memória.

Exemplos paradigmáticos da decoração e mobiliário de Rafael Bordalo Pinheiro são os interiores do seu Chalet de Cortiça e da referida sala de jantar do Beau Séjour.

Em 1885, Rafael Bordalo mandou construir no parque da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha uma pequena casa para habitar: o Chalet de Cortiça; o risco seguiu a moda das construções helvéticas, toda revestida por cortiça. O interior da habitação foi pitorescamente decorado com móveis vernaculares em pinho cru, pintados pelo artista, com flores e animais. Na única divisão que servia de quarto de cama, de vestir, de trabalho e de sala, tinha em cima da mesa de trabalho um castiçal do referido modelo grifo e na mesa de toilette, vestida de pano de algodão, um espelho emoldurado e decorado com flores pintadas; seguia-se a mesa lavatório e respectiva bacia. (Fig.8. e Fig.9.) A resguardar a cama coberta por mosqueiro de cassa, salientava-se, entre o mobiliário artístico, um biombo em madeira, tendo as faces “em papel aguarelado de rãs e plantas d’agua”.¹⁵

O chalét era forrado por esteiras; ombreiras, cimo de janelas e portas feitos de entranchados de canastra; os vãos cobertos com algodões nacionais e orientais, a vermelho e doirado. Muita cerâmica portuguesa, de fabrico diverso, encontrava-se disposta em prateleiras. Ficou, muito provavelmente, encarregado da obra o citado Frederico Ribeiro, também construtor responsável pela ponte que conduzia

ao Pavilhão central no parque. Todo o programa decorativo e mobiliário traduzem sinteticamente a proposta nacionalista e campestre de Rafael Bordalo.

Numa outra ideia campestre, mas mais urbana, encontrou-se o artista envolvido, entre 1891-92, ao participar na campanha decorativa do interior do muito referido Beau Séjour, casa de quinta em Benfica (Lisboa), construída em meados de Oitocentos e herdada pelos abastados irmãos Leite Guimarães. Colaborou com outros membros do citado *Grupo do Leão*, incluindo os seus irmãos Maria Augusta e Columbano, encarregando-se de decoração e mobiliário.¹⁶ No vestíbulo da Sala de Jantar projectou e instalou um lavatório monumental, preenchendo uma parede. É composto por uma bacia em faiança, para onde um golfinho verte água e duas vieiras-saboneteiras. Toda a decoração envolvente, na característica gramática campestre e marítima, é um repositório colorido de cerâmica das Caldas, imbuída no estuque pintado a fingir. Foi “o primeiro e provavelmente o único executado por aquele processo”, conforme escreveu. Uma cercadura de azulejos padrão “rã e nenúfar”, no citado gosto Arte Nova, servem-lhe de moldura.

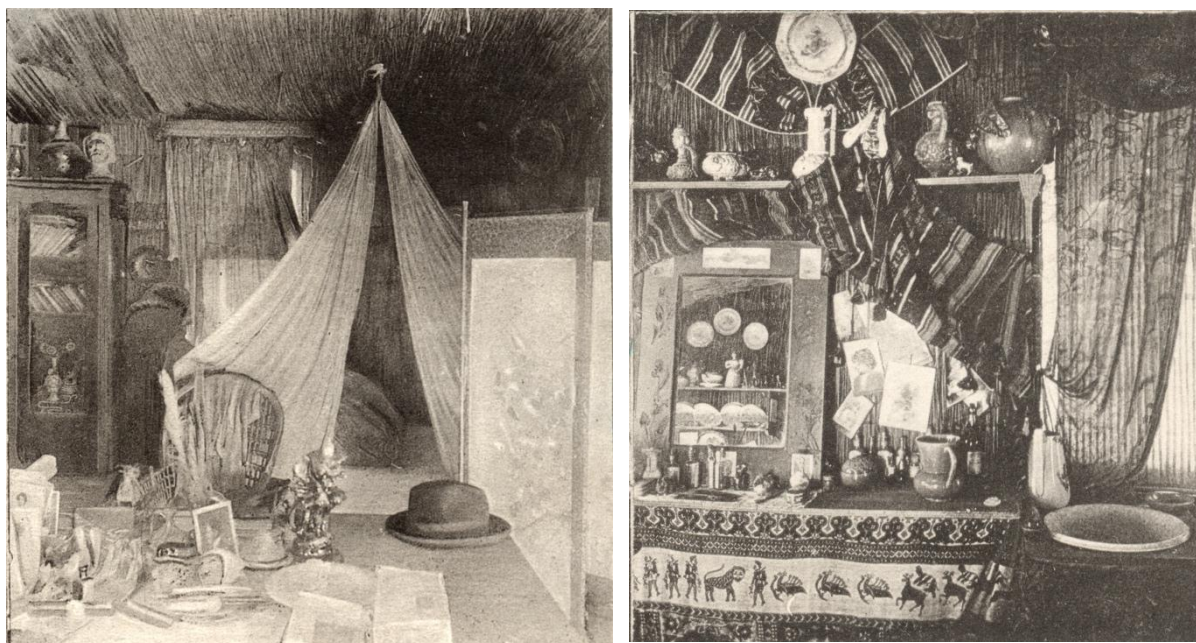


Fig.8. Quarto do Chalet de Cortiça, ca.1889, Museu Bordalo Pinheiro-EGEAC.

Fig.9. Quarto do Chalet de Cortiça, ca.1889, Museu Bordalo Pinheiro-EGEAC.

Na Sala de Jantar, azulejos idênticos preenchem dois resguardos para vasos com plantas, nos vãos neo-góticos. (Fig.10. e Fig.11.) O referido candeeiro para iluminação a gás foi “mascarado” com cerâmica naturalística. É uma invulgar luminária de suspensão, de fabrico industrial, com cerâmica aplicada por Rafael Bordalo, em 1891. Vinha, cachos de uvas, ramos de frutos e abelhas naturalisticamente modelados, na fábrica das Caldas da Rainha, envolvem de forma cenográfica este móvel e ligam-no à decoração do espaço. No interior de uma das peças modeladas tem inscrito: “pintado por um alumno do Snr. R. B. Pinheiro”. O metal e o quebra-luz de vidro foram originalmente coloridos pelo pintor Francisco Vilaça (ca. 1850-dp.1913), “de verde escuro, porque o doirado prejudica o efeito das loiças”, também por sugestão do artista.¹⁷

Para completar ainda a decoração foi realizada encomenda especial de um invulgar conjunto de móveis, composto por um par de armários de canto (Fig.12.), um armário-aparador e um armário-trinchante,¹⁸ Este mobiliário foi executado em madeira, vidro e espelho nas portas, com tampos de mármore. Foram empregues boas ferragens e recebeu uns apontamentos pictóricos, muito provavelmente, do citado F. Vilaça. Mas também integrou frisos de azulejos do mesmo padrão “rã e nenúfar” nas pilastras, sublinhando as formas. O seu risco é eclético, de inspiração renascença e com laivos ingleses setecentistas na caixilharia das portas. A qualidade do seu desenho e a fábrica em boa marcenaria indicam poder atribuir-se todo o conjunto a Frederico Ribeiro, sendo datável entre 1892-93. As peças resultaram muito heteróclitas, bem acordadas com o espaço, tendo contribuído, para tal, o emprego dos azulejos bordalianos.

O conjunto decorativo do vestíbulo e da Sala de Jantar, eclético e naturalista, é paradigmático do gosto Arts and Crafts à portuguesa, tendo ficado como a maior intervenção de Rafael Bordalo num interior doméstico.

Logo, em 1895, a escritora Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), no seu manual de civilidade e etiqueta, dá conta deste novo uso do azulejo, num capítulo sob o tema:

“Da mobília e da decoração interior das casas, onde se lê: aplicam-se agora os azulejos nacionais ou espanhóis como motivo de decoração muito alegre a móveis de casa de jantar. ¹⁹ Acrescenta que na sala de jantar, a ornamentação das paredes é também conforme o gosto e os meios. Pratos grandes, étagères com objectos de faiança, ou louça artística são muito apropriados.”²⁰

Ao divulgar e defender os ideais do movimento britânico *Arts and Crafts*, nomeando J. Ruskin e W. Morris, a autora aponta o ideal do “interior de arte”, reconhecendo nós, facilmente, o empenho de Rafael Bordalo Pinheiro, quer na decoração, quer no seu mobiliário doméstico.

Assim foi o contributo deste artista para o interior doméstico português, com móveis fabricados em cerâmica e azulejos padrão aplicados, invulgarmente, no mobiliário de madeira. Todos eles ajudaram a agenciar o “interior de arte” à moda na última década oitocentista.



Fig.10. Sala de jantar do *Beau Séjour*, ca.1894, Gabinete de Estudos Olisiponenses-Câmara Municipal de Lisboa.



Fig.11. Rafael Bordalo Pinheiro, Candeeiro, 1891, Gabinete de Estudos Olisiponenses –
Câmara Municipal de Lisboa



Fig.12. Frederico Ribeiro(?), Armário cantoneira, ca.1893, Coleção particular.

NOTES

¹ Sobre o papel do armador e a decoração veja-se, BRAGA, Pedro Bebiano, “A Explosão Ornamental nos Ambientes do Período Romântico: o Mobiliário e o Interior Doméstico”, *Matrizes da Investigação em Artes Decorativas V* (dir. Gonçalo Vasconcelos e Sousa), Porto, Universidade Católica Editora/CITAR, 2013, pp. 177 e seguintes.

² *Bordalo Artes Decorativas: Mobiliário e Interiores*, Lisboa, Museu Bordalo Pinheiro/Câmara Municipal de Lisboa, Abril/Agosto, 2010.

³ FRANÇA, José- Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro, o português tal e qual*, Lisboa, Bertrand, 1982, pp. 539 e seguintes. Esta publicação continua a ser a mais completa sobre a obra do artista.

⁴ Publicado na capilha d’*O António Maria – Álbum das Glórias*, 3.01.1885. Nesta mesma capilha, também, vem anunciada a *Empreza Bordallo Pinheiro*.

⁵ *Almanach Cento e Três Anno 1884*, 1883. Trata-se de um brinde comercial, muito em moda no final do século XIX, do ourives Pedro Moreira, poeta amador e amigo de Rafael Bordalo Pinheiro, com loja na Rua do Ouro, 103, na Baixa lisboeta.

⁶ *Estatutos da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha*, Lisboa, Typographia Elzeveriana, 1883, p. 4.

⁷ Exemplo deste gosto por dependurar grandes pratos, com naturezas, no interior das salas de jantar, encontra-se registado numa carta do artista dirigida a José Leite Guimarães, proprietário do *Beau Séjour*, onde se lê: *Desejava muito que escolhesse o prato que lhe falta na sua sala de jantar - como não foi possível escolher um novo typo, mandar-lhe-hei um, pouco mais ou menos, como o outro que se partio (...)*, datada de 1.08.1894, em colecção particular; na fotografia publicada neste estudo vê-se, ente os arcos, um grande prato com cercadura de frutos.

⁸ *O António Maria*, 30.12.1892.

⁹ O conjunto foi apresentado, pela primeira vez, com a escultura do infante D. Henrique, na Exposição Colombiana, de Madrid, em 1892, sendo o artista o director artístico de toda a decoração efémera e mobiliário da representação portuguesa. Mais tarde, sabemos que usou o conjunto para as suas esculturas religiosas, como a reprodução da N. S. de Nuremberga ou o Santo António.

¹⁰ *Uma Baixella Manoelina*, Porto, Empreza Litterária e Typographica, 1904; onde se encontra publicada uma fotografia do candelabro e outras peças do extraordinário conjunto.

¹¹ ORTIGÃO, Ramalho, *Arte Portuguesa*, vol. I, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943, p. 283. Segundo nota do editor, este texto foi publicado na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 1891; a mesma data de execução do candeeiro vidrado para o *Beau Séjour*.

¹² *Estatutos da Fábrica (...)* *Op. Cit.*, p. 4.

¹³ Sobre a obra e cronologia deste artista veja-se, BRAGA, Pedro Bebiano, *Leandro Braga e as Artes Decorativas 1839-1897*, catálogo, Lisboa, Instituto de Comunicação Social, 1997.

¹⁴ BRAGA, Pedro Bebiano, “Rafael Bordalo Pinheiro, Leandro Braga, Frederico Ribeiro e o mobiliário oitocentista com azulejos”, *Margens e Confluências*, nº10, Guimarães, ESAP, 2006, p. 34.

¹⁵ ALMEIDA, Fialho de, *Os Gatos*, Lisboa, 1.11.1892, p.150.

¹⁶ BRAGA, Pedro Bebiano, “Beau Séjour: interiores 1887-1892”, *Actas do III Encontro de Técnicos da CMLisboa*, Lisboa, CML/DAGAI, 1995, pp. 104-107.

¹⁷ Carta do artista, dirigida a José Leite Guimarães, proprietário da casa, datada de 25.1.1891, em colecção particular.

¹⁸ BRAGA, Pedro Bebiano, “Rafael Bordalo Pinheiro, Leandro Braga, Frederico Ribeiro e o mobiliário oitocentista com azulejos” *Op.Cit.*, pp. 26-35.

¹⁹ CARVALHO, Maria Amália Vaz de, *Arte de Viver na Sociedade*, Sintra, Colares Editora, 2004, p. 126. Esta publicação seguiu a 4ª edição (1909), que mantém na íntegra a 1ª edição (1895).

²⁰ CARVALHO, Mara Amália Vaz de, *Op. Cit.*, p. 127.